

Trauma: estratégia e direção do tratamento¹

Tiago Sanches Nogueira

Resumo

O artigo tem como objetivo apresentar algumas reflexões acerca da clínica do traumático. Após discussão inicial sobre a perspectiva do trauma em Freud, o autor discute a direção do tratamento de sujeitos que vivenciaram situações traumáticas, tais como aquelas que encontramos no cenário contemporâneo mundial: situações de guerra, migrações e imigrações forçadas, violência e violência de Estado. Destaca-se a importância da construção de narrativas que desarticulem o acontecimento violento da ficção fantasmática do sujeito. Será a formulação dessa narrativa que permitirá ao sujeito se localizar e, ao mesmo tempo, dar valor e sentido à sua experiência de dor, articulando uma demanda que o retira do silenciamento.

Palavras-chave:

Trauma; Tratamento; Psicanálise.

Trauma: strategy and direction for treatment

Abstract

The article aims to present some reflections about the traumatic clinic. After initial discussion on the perspective of trauma in Freud, the author discusses the direction of the treatment of subjects who have experienced traumatic situations, such as those found in the contemporary world scene: situations of war, migrations and forced immigration, violence and State violence. The importance of building narratives that dismantle the violent event of the subject's phantasmatic fiction is highlighted. It will be the formulation of this narrative that will allow the subject to locate and, at the same time, give value and meaning to his experience of pain, articulating a demand that removes him from silencing.

Keywords:

Trauma; Treatment; Psychoanalysis.

¹ Artigo derivado da tese de doutorado defendida na Universidade de São Paulo em 2019, intitulada *A canção de si: a música como instrumento de intervenção na clínica do traumático*.

Trauma: estratégia y dirección para el tratamiento

Resumen

El artículo tiene como objetivo presentar algunas reflexiones acerca de la clínica del traumático. Después de reflexiones iniciales sobre la perspectiva del trauma en Freud, el autor discute la dirección del tratamiento de sujetos que vivenció situaciones traumáticas, tales como aquellas que encontramos en el escenario contemporáneo mundial: situaciones de guerra, migraciones e inmigraciones forzadas, violencia y violencia de Estado. Se destaca la importancia de construir narrativas que desmantelen el hecho violento de la ficción fantasmática del sujeto. Será la formulación de esta narrativa la que permitirá al sujeto ubicar y, al mismo tiempo, dar valor y significado a su vivencia del dolor, articulando una demanda que lo aleja del silenciamiento.

Palabras clave:

Trauma; Tratamiento; Psicoanálisis.

Traumatisme : stratégie et direction du traitement

Résumé

L'article vise à présenter quelques réflexions sur la clinique traumatique. Après une première discussion sur la perspective du traumatisme chez Freud, l'auteur discute du sens du traitement des sujets qui ont vécu des situations traumatiques, comme celles que l'on retrouve dans le scénario du monde contemporain: situations de guerre, migration forcée et immigration, violence et la violence d'État. L'importance de construire des récits qui démantèlent l'événement violent de la fiction fantasmatique du sujet est soulignée. Ce sera la formulation de ce récit qui permettra au sujet de localiser et, en même temps, de donner valeur et sens à son expérience de la douleur, articulant une exigence qui le soustrait au silence.

Mots-clés :

Traumatisme ; Traitement ; Psychanalyse.

Catherine Malabou, filósofa francesa conhecida por suas reflexões em torno do conceito de “plasticidade” na neurociência e na filosofia política, escreveu um livro em 2007 intitulado *Les nouveaux blessés: de Freud à la neurologie, penser les traumatismes contemporains*. Nele, a autora discute os efeitos dos traumas sociopolíticos propondo que, a partir deles, surge um novo tipo de subjetividade contemporânea, denominada por ela “sujeitos pós-traumáticos”. Nessa leitura, Malabou também propõe uma reformulação crítica da psicanálise, alegando que esta última não estaria apta a trabalhar com os efeitos do trauma naquilo que ela chama de “inconsciente cerebral”.

Três anos depois dessa publicação, Slavoj Žižek escreve *Vivendo no fim dos tempos*, obra publicada no Brasil em 2012, na qual discute brilhantemente a situação do mundo contemporâneo, sobretudo aquela que ele considera a “crise terminal do capitalismo”. Em um dos capítulos, intitulado “Depressão: o trauma neuronal ou o surgimento do *cogito* proletário”, o filósofo problematiza as questões abordadas no texto de Malabou.

Em primeiro lugar, a crítica de Malabou vai em direção ao que é real na psicanálise de Freud e de Lacan. Na verdade, a autora aponta para o que Žižek (2012, pp. 199-200) chama de “eco delicado entre o real interno e o real externo na psicanálise, no qual os choques externos, intromissões inesperadas e brutais devem seu impacto propriamente traumático à maneira como atingem a “realidade psíquica” traumática preexistente. Žižek lembra aqui que, para Freud e para Lacan, todo trauma externo é “suprassumido”, interiorizado, estando seu impacto relacionado com a forma na qual o real preexistente da “realidade psíquica” é desperdiçado por intermédio do trauma.

Deparamo-nos desde já com este conceito psicanalítico complexo: o real. Longe de ter sua definição teórica definida uniformemente ou de ser uma unanimidade entre os psicanalistas, o real será encarado por nós, a princípio, como um conceito que demanda a curiosidade de um olhar que anseia por novidade. Será esse olhar que nos levará a entender o real — para além de tudo aquilo que se diz dele — como uma impossibilidade lógica, um paradoxo. Além disso, a discussão que Malabou empreende acerca do “trauma real”, que para ela destrói a textura simbólica da identidade do sujeito, tem para nós o potencial de deformação da experiência.

Há para Malabou três formas de destruição, que refletem a tríade das seguintes áreas comuns: a natureza externa, a natureza interna e a substância simbólica. A primeira se refere à violência física brutal ou das catástrofes naturais, como terremotos, furacões etc. Em segundo lugar, há a destruição “irracional” (sem sentido) da base material de nossa realidade interior (tumores cerebrais, mal de Alzheimer, lesões no cérebro etc.), que podem mudar totalmente e até destruir a personalidade do doente. Por último, Malabou lembra os efeitos destrutivos da

violência sociossimbólica, como a exclusão social, na qual o trauma passa a ser praticamente um modo de viver, tal como para aqueles que vivem em países destruídos pela guerra, como o Sudão ou o Congo. Para esses, o trauma não seria apenas uma intromissão momentânea que perturba violentamente a vida cotidiana, tal como é no Ocidente — diz a autora.

Nesse sentido, Zizek refere que a crítica básica de Malabou a Freud é que, diante desses casos, o pai da psicanálise cairia na tentação do significado, não dispondo em aceitar a eficácia destrutiva direta dos choques externos. Para ela, a ideia de um trauma ter ressonâncias em uma verdade traumática interior do sujeito implica que o inimigo a ser combatido quando no encontro com o traumático é sempre o “inimigo interno”. Em outras palavras, a posição freudiana recusaria a considerar as consequências psíquicas das intrusões traumáticas que não podem ser integradas à representação psíquica — como a indiferença, a perda dos afetos. Aqui, pareceria que a psicanálise trata a questão de forma despolitizada.

Faz-se necessário desfazer esse mal-entendido. Os trabalhos em torno da chamada clínica do traumático (Berta, 2015; Gebrim, 2018; Martins, 2014; Rosa, 2012, 2016), bem como as reflexões acerca da dimensão sociopolítica do sofrimento (Rosa, 2016), revelam que os efeitos destrutivos que uma situação traumática impõe ao sujeito se dão justamente no campo discursivo. O que tais autores demonstram é que a indiferença ou o não reconhecimento se inscrevem no campo das patologias do social, bem como estão associados à incidência do chamado desamparo discursivo: uma fragilização das estruturas discursivas que suportam o vínculo social naquilo que rege a circulação dos valores, ideais, tradições de uma cultura e resguardam o sujeito do real (Pujó, 2000).

A clínica do traumático

Denomina-se clínica do traumático uma prática que visa ao tratamento de sujeitos marcados pelo silenciamento oriundo da fixação no instante traumático promovido por determinado acontecimento. Marie-Caroline Saglio-Yatzimirsky (2018) lembra que é necessário distinguir aqui duas dimensões traumáticas do acontecimento: a de um trauma acidental, tal como uma catástrofe ambiental (terremotos, tsunamis, furacões), e a do trauma intencional. A autora refere que no trauma intencional estão em jogo os atos realizados por outro humano, e, justamente por isso, coloca-se em questão o sujeito com sua própria cultura. Trata-se da própria cultura e da posição do sujeito no laço em situação de ruína.

Em razão da complexidade desse tipo de tratamento, fazem-se necessários modelos de intervenções clínicas não convencionais que possibilitem a criação de condições de alterações do campo simbólico-subjetivo, social e político do sujeito acometido pelo trauma (Rosa, 2016). Algo totalmente diferente daquilo que propõem os protocolos de tratamentos pensados a partir da emergência da categoria de transtorno do estresse pós-traumático. Segundo Knobloch (2015), nessa cate-

goria o traumatismo psíquico passa a ser entendido como um fato cuja verdade é externa ao campo da clínica. Tomado como reação normal a um evento anormal, o traumatismo, nesse discurso, é utilizado para embasar uma nova forma de “patologia normal”, atualmente identificada diretamente na condição do migrante: “isto se dá a partir da lógica que reduz a pluralidade de experiências culturais a um modelo único de interpretação biomédico: o de um estresse pós-trauma” (Knobloch, 2015, p. 171).

Contrariando tais práticas, a clínica do traumático foi tomada como conceito prático por uma equipe² de psicanalistas que atendem migrantes e imigrantes que chegam a São Paulo, Brasil. A partir desses atendimentos, foi possível constatar que o trauma — seja ele por um acontecimento real, seja ele ocasionado pela própria experiência de deslocamento/desenraizamento — se constitui em um instante no qual o sujeito se vê fixado.

Vale lembrar que a questão traumática, nesses casos, não está em absoluto no ato de imigrar (Nogueira & Rosa, 2017). Pelo contrário, caracterizamos os processos de imigração como um movimento de busca da diversidade, de tornar-se outro, que na prática quer dizer a possibilidade de poder ser outro em outras línguas, outros lugares. Para nós, a dimensão trágica do migrante encena algo comum a todos, pois todos somos sujeitos exilados, desenraizados de nós mesmos, constituídos pelo desconhecimento enigmático da dimensão inconsciente. O próprio Freud (1939) defende as vicissitudes da errância e do nomadismo do desejo, mostrando que sua precedência sobre a sedentarização marca o povo judeu.

É a fixação no instante traumático (seja ele experienciado no tempo de partir ou no momento da chegada nas imigrações forçadas) que promoverá uma resposta subjetiva bem específica, a saber: *o silenciamento*, a mordada da palavra. Rosa (2016) refere que essa suspensão temporária, às vezes da vida inteira, mas temporária e não estrutural, torna-se um modo de resguardo do sujeito ante a posição de resto na estrutura social. Uma proteção necessária para a sobrevivência psíquica: uma espera, uma esperança.

O trabalho psicanalítico com sujeitos forçados aos deslocamentos migratórios que se tornam metáfora do exilado, do excluído destinado a vagar sem pouso por imposição do outro nos mostra que a violência de determinados acontecimentos consiste na maneira como eles isolam o sujeito de sua reserva de memória (Malabou, 2007).

A crítica feita por Malabou de que Freud recusa-se a refletir sobre o impacto psíquico de uma intromissão violenta que permanece externa ao sentido deve ser interrogada, já que o pai da psicanálise deixa pistas importantes para aqueles que

2 Equipe que passou a se chamar “Veredas: psicanálise e imigração”, foi fundada por Miriam Debieux Rosa e Taeco Toma Carignato.

desejam enveredar-se pelos caminhos do trauma. Suas reflexões nessa matéria não estariam somente nos textos sociais, mas também naqueles em que a estrutura da linguagem é pensada quase como um corpo vivo, o qual detém funções que, quando atacadas, sofrem danos mortais ou irreversíveis.

Nesse sentido, a ideia de que para Freud os choques externos só poderiam ter impacto no psiquismo quando um trauma sexual repercute neles é lida por Žižek de uma maneira original. O filósofo esloveno recupera o conceito de “sexualidade” como o nome da passagem da contingência para necessidade:

(...) é por meio da integração num arcabouço preexistente de “realidade psíquica” que o acidente externo é “sexualizado”. O mediador entre os dois é a fantasia: para me “excitar”, o acidente externo, o puro choque, tem de tocar minha fantasia, meu arcabouço fantasmático preexistente, e repercutir nele. A fantasia estabelece a “sutura” [*soudure/Verloetung*] entre o exterior e o interior. (Žižek, 2012, p. 209)

Contudo, a questão verdadeiramente incômoda que nos surge é: por que determinados acontecimentos promovem devastação subjetiva? Quais suas propriedades ou características? Nesse sentido, acompanhamos a leitura de Miriam Debieux Rosa (2016), a qual refere que o acontecimento traumático configura-se como sendo aquele no qual verdade e saber se coincidem univocamente, ou seja, sem separação e sem lugar ao equívoco; nele, a contingência do acidente é tomada como verdade, em que se verifica um fechamento da pergunta pela causa. Rosa nos lembra que, nessa direção, Jacques Lacan estabelece uma diferença entre o acontecimento traumático e a dimensão do trauma como furo, como “*trou*”, que articula angústia e desejo, em seu tempo próprio, *a posteriori*.

O trauma surge como uma experiência originária, na qual o Outro absoluto (que originariamente é encarnado pelo outro cuidador, a mãe) cessa de dizer “há um significante” que define o sujeito como aquilo que preenche o lugar da falta do Outro. A alternância rítmica entre o “há Um significante” e o “não há Um significante”, afetada e destruída pela subtaneidade que marca o evento traumático, é inaugurada na ocasião do *troumatisme* originário. Esse “furo fundador” é um abismo cujas bordas assinalam o limite da não palavra — limite esse do qual brota o sentido.

Também é no “entre” que nasce o sujeito, já que é no intervalo entre dois significantes que ele (o sujeito) aparece. É nesse intervalo que se replica o intervalo entre Sujeito e Outro, no qual se repete a estrutura mais radical da cadeia significante: o lugar assombrado pela metonímia, veículo do desejo. Nesse “entre”, o sujeito coloca sua própria falta sob a forma da falta que ele produziria no Outro por seu próprio desaparecimento. Entre a falta do sujeito e a falta do Outro, inaugura-se

o intervalo que funda um “inter” (interdito) entre o instante do dito e o lugar do dizer — separação fundadora da descontinuidade entre Outro e Sujeito.

Caso o Outro venha a ocupar, obliterar a falta resultante do encobrimento das duas faltas — do sujeito e do Outro —, veremos a precipitação da consistência e da presença maciça do Outro através de um dito por ele enunciado. Dito que mata (*tuer*) o sujeito na medida em que o nomeia de forma totalizante (*tu est*). Na prática, as coisas funcionam assim: alguém se encontra com determinado acontecimento, que, de forma violenta, fratura a dimensão contínua do sentido de unidade do sujeito. O Outro se torna consistente, equivocando o saber transmitido por seu dito e a verdade do sujeito. Em um instante, o impacto “força as bordas da janela fantasmática, do enquadre da realidade psíquica” (Berta, 2015, p. 103) e engendra uma perpetuidade do tempo e do espaço que compromete significativamente a leitura da realidade. O sujeito passa a ser apenas aquilo que o Outro diz que ele é. O passado retorna, de maneira perpétua, no presente.

É nesse sentido que Rosa (2016) afirma que o acontecimento é violento, e não traumático. A violência, segundo a autora, faz imperar o excesso de consistência atribuída ao acontecimento. O traumático faz-se quando o sujeito, diante do desamparo que lhe é constitutivo, ou do “*trou*”, vazio que o habita, recua nesse embate com a violência obscena do Outro.

A dimensão traumática do encontro com o Outro, mediado pelo que Freud chamava de *Nebenmensch* (o outro ao lado), confere ao Eu um destino alienado e preso a uma alteridade fornecedora da própria identidade. Eis a etiologia traumática da constituição do sujeito, que, se tudo der certo, desdobra-se em uma dialética entre sujeito e Outro na qual a própria linguagem recupera aquilo que ela perde por operar (Safatle, 2006, p. 126).

Contudo, um acontecimento violento parece reeditar o absolutismo inicial do Outro, de modo a revelar o impasse que comporta toda intersubjetividade. Trata-se daquelas situações promovidas por certo evento ou acontecimento violento que deixa o sujeito sem recursos contra um Outro absoluto, cujo efeito é manifestado na forma de experiência de desamparo.

O trauma segundo Freud e Lacan

Duas observações sobre o desamparo se fazem importantes. A primeira é que, segundo Laplanche e Pontalis (1987), a palavra “desamparo”, *Hilflosigkeit*, designa um “estado”, pois, para Freud, trata-se de um dado essencialmente objetivo: a impotência do recém-nascido humano que é incapaz de empreender uma ação coordenada e eficaz (Laplanche & Pontalis, 1987, p. 112). Desse modo, o termo aponta para a condição de prematuridade do bebê, anunciando a necessidade da presença de um outro cuidador que ofereça mínimas condições para que esse

bebê possa vir a construir seus próprios recursos de defesa, tanto contra o desamparo motor (que é da ordem de uma ação) quanto contra o desamparo psíquico (que é da ordem de um perigo).

O *motorische hilflosigkeit* descrito por Freud é um desamparo motor evidenciado pelo lactente que “se torna a condição prévia indispensável à satisfação da necessidade” (Laplanche & Pontalis, 1987, p. 5). Por outro lado, o *psychische hilflosigkeit* é “a situação que leva ao aumento da tensão da necessidade que o aparelho psíquico não pode ainda dominar” (Laplanche & Pontalis, 1987, p. 112). A combinação desses dois elementos, figurados na ação e no perigo, será pensada por Freud como a etiologia da neurose traumática, sobretudo a partir do advento da Primeira Guerra Mundial.

A iminência de uma situação devastadora como a guerra fará Freud atualizar sua teoria sobre o trauma, fazendo com que o fator acidental do acontecimento violento seja conjugado com o fator constitucional do traumático. Este último trata-se, para Freud, do trauma sexual, já que ele constitui o tipo de impressão que o sistema nervoso tem dificuldade em abolir por meio do pensamento associativo ou da reação motora (Freud, 1892/1996, p. 196).

Sabemos que, nesse momento anterior à guerra, a economia da “soma de excitação” surge como uma espécie de coluna central da teoria do aparelho psíquico para Freud. A hipótese da sedução inaugurada nessa época contém o germe da ideia de que as significações sexuais promovem não reagibilidade (*Unreagierbarkeit*), dada a elevação dos níveis de soma de excitação que elas provocam. Freud e Breuer, ancorados nas reminiscências deixadas por essas não inscrições, mostram, nos *estudos sobre a histeria*, que é no tempo do *nachträglich* (a posteriori) que se efetuará a reordenação dos três sistemas de escrita das impressões recebidas pelo aparelho de memória.

Sandra Berta (2015) refere que Freud nos transmite em diferentes graus sua pergunta sobre o trauma: uma representação é a soma de uma imagem mnêmica, e um afeto é entendido como quantidade de excitação. Segundo a autora, o que torna uma representação inadmissível é o aumento dessa quantidade de excitação, qual seja, o *quantum* energético e uma disposição à fixação. Como isso se traduz em termos subjetivos? A partir dos sintomas que indicam que lá, em algum lugar, houve acontecimento desencadeador. Isso acontece antes da puberdade e pode ser localizado no retorno do recalado.

A divisão temporal colocada por Freud entre puberdade e um tempo anterior mostra que o ganho de saber sobre o sexual oriundo pela passagem da puberdade aumenta a revivescência da lembrança traumática, já que parte dessas impressões escapa ao saber ou a essas significações.

A guerra, que praticamente entra na casa de Freud, trará novidades para essa teoria. Como já dissemos, uma atualização se efetuará, de modo a conjugar o

fator acidental do acontecimento violento com o fator constitucional do traumático — este que diz respeito aos excessos causados pelo sexual. A partir de 1920, Freud define como traumática toda situação externa que tenha força suficiente para atravessar o escudo protetor que é o próprio aparelho psíquico.

Temos como consequência dessa atualização não somente a revisão da teoria da angústia que revela o desamparo psíquico promovido pelas exigências do Isso, mas também a teorização sobre os efeitos do desamparo material promovido por um acontecimento violento. O conceito de trauma, nesse momento, inaugurarà a reflexão em torno da violação do espaço em que opera o campo da fala e da linguagem.

Essa discussão — que começa em *Luto e melancolia* (1917 [1915]/1996), passa por *Além do princípio do prazer* (1920/1996) e culmina nos textos *O mal-estar na civilização* (1930/1987) e *Moisés e o monoteísmo* (1934-1938/1996) — se dará em torno da experiência de perda. Jacques Derrida (2001), em uma bela leitura da letra freudiana, refere que aquilo que foi perdido torna-se, frequentemente, o traço mais vivo da memória de alguém. Tais traços correspondem, segundo o autor, a uma espécie de arquivo pessoal que só subsiste como saudade e esperança por causa da presença da pulsão de morte. Esta última — que, segundo Derrida, tem como tarefa o apagamento dos rastros, das pistas e das pegadas — conduz ao apagamento, ao emudecimento, ao desligamento e à repetição que encontramos nos sujeitos acometidos pelo trauma.

A repetição no trauma é engendrada pelo próprio instante traumático. A palavra em alemão utilizada por Freud para descrever esse instante é *Prägung*. Traduzido como cunhagem ou impressão, o termo refere-se, segundo Garcia-Roza (1995, p. 55), à “permanência de algo que não foi inscrito no inconsciente, mas que permaneceu como pura intensidade, memória de pura impressão e não o traço que a representa”.

Para Lacan (1953-1954/1979), a *Prägung* está associada a experiências de impregnação imaginária, tais como aquelas descritas pela etologia sob o nome de *imprinting*. Pesquisas em torno desse fenômeno revelam, segundo Lacan, que há a prevalência de uma imagem nos mecanismos de emparelhamento nos animais que agitam os comportamentos da reprodução. Sob a forma de um fenótipo transitório modificado por um aspecto exterior, tais impregnações funcionam como “a embreagem mecânica do instinto sexual (...) essencialmente cristalizado numa relação de imagens, numa relação imaginária” (Lacan, 1953-1954/1979, p. 144).

Na leitura que Lacan faz de Freud, a *Prägung* são impressões que não foram integradas ao sistema verbalizado do sujeito e que não atingiram nem a verbalização, nem mesmo a significação (Nogueira & Rosa, 2017). Limitada ao domínio do imaginário, ela ressurgirá ao longo do progresso do sujeito em um mundo simbólico cada vez mais organizado. Esse ressurgimento se dá, segundo o psicanalista francês, na temporalidade do *nachträglich*, do *a posteriori*, após um período no

qual os eventos da vida de um sujeito são integrados em um campo de significações, cuja lei que ele constitui coloca a *Prägung* em função no jogo dos símbolos.

Nesse sentido, a *Prägung* está estreitamente ligada à importância do imaginário na estabilização de uma mínima noção de realidade. Tal como diz Lacan, o fato de dado elemento do exterior poder ser absorvível pelo imaginário é o que faz o organismo subsistir em uma espécie de seu duplo, que é o *Unwelt*. Safatle (2006) refere que o *Unwelt* é uma espécie de bolha que envolve cada espécie. Segundo o autor, uma das apropriações realizadas por Lacan em relação aos estudos de etologia animal sobre as impregnações imaginárias é a de que o corpo é, na verdade, uma relação com o próprio meio ambiente de cada espécie viva, determinando a configuração dos objetos presentes no mundo de cada espécie.

Parece-nos notável também que a potência enlouquecedora do traumático diz do encontro com o gozo do Outro, sem metaforização, desnudado, degradado, de modo a colocar em destaque a necessidade vital de velamento do caráter mortificante da pulsão, ou seja, “a necessidade de faltar ao Outro ali onde o sujeito experimenta-se gozado” (Pujó, 2000, p. 29).

Diante do obscuro e consistente gozo do Outro, o sujeito recua e, em processo identificatório, envergonha-se como se fosse ele o autor do ato. Observamos essa perda de endereçamento ao Outro não somente na literatura dos sobreviventes dos campos de concentração, mas também nas narrativas de migrações e imigrações, nos institucionalizados, nos abusos de toda ordem na vida pública.

Dar tratamento ao trauma

Podemos diferenciar duas posições do sujeito acometido por um acontecimento violento: de um lado, há a posição de o sujeito querer *ser o mesmo* e dar continuidade a seu projeto de vida, colocando em jogo a cisão, tal como pensada por Ferenczi (1932/2011) — aquela que divide o campo da consciência do sujeito e constrói uma existência fragmentada.

A outra posição possível está mais para o lado da perspectiva lacaniana. Nesse caso, para sair da posição traumática, o sujeito precisará dirigir-se ao Outro de modo semelhante ao que os religiosos fazem na cerimônia do *Shofar* — instrumento musical do cerimonial judaico que, quando tocado, representa a voz de Deus (e sua aliança com o povo hebreu), bem como sua presença como pai morto (cujo soar faz memória a essa morte). Jean-Michel Vivès lembra que a hipótese de Lacan era a de que se endereçava o *Shofar* não somente para a comunidade, mas para o próprio Deus. Citando Reik, Vivès (2017, p. 27) mostra que no *Talmude* isso é bastante evidente: “Eles sabem como suavizar a raiva do seu criador com o som do *Shofar*. A oração da manhã do Ano Novo diz a mesma coisa: Ajoelhando-me diante dele, poderei convencê-lo pelo som do *Shofar*” (tradução nossa).

O objetivo de tal endereçamento é no mínimo curioso: endereça-se o *Shofar* a Deus para que Ele mantenha distância. Vivès refere que, no momento em que a angústia do gozo do Outro aparece, em que o supereu como interiorização desse Outro não castrado faz retorno, o *Shofar* repete a morte dessa instância, lembrando a Deus que Ele está morto, ao mesmo tempo que faz memória ao pai arcaico assassinado:

Deus o Pai não sabe que está morto e é por isso que ele continua a nos envenenar na forma de injunções superegoicas culpabilizantes. Culpa resultante de uma lei reduzida a uma injunção: uma lei que, portanto, ordena no sentido de comandar sem ordenar no sentido de organizar. Se aplicarmos isso ao ritual, somos conduzidos a argumentar que não é o som do *Shofar* que desperta o sentimento de culpa, mas é a culpa que leva a tocar o *Shofar*. A lei portata pela voz silencia assim a voz fora da lei que é o superego. A função do *Shofar*, nesta perspectiva, é eminentemente pacífica pois visa neutralizar a louca dimensão superegoica. Na medida em que o *Shofar* está associado ao pacto entre o homem e Deus, o som soando lembra a Deus que ele deve cumprir sua condição de portador do pacto simbólico e deixar de nos assediar. A voz que suporta a lei combate aqui as vozes superegoicas fora da lei. As duas dimensões do som do *Shofar* (o rugido do pai primordial do gozo mortífero e a cena do dom da lei) chamam a atenção de deus para o fato de que ele só pode reinar como um homem morto. (Vivès, 2017, p. 28, tradução nossa)

É importante para nós a aproximação entre a função do *Shofar* e o manejo do analista no tratamento do trauma, pois suas intervenções visam, da mesma forma que no ritual judaico, a tornar inaudível o dizer que vem do Outro que congela o sujeito em um único sentido. Sim, pois o excesso de consistência desse Outro obscuro que chega ao sujeito através do acontecimento violento se faz presente, frequentemente, através de um dizer. É como se o acontecimento violento produzisse uma frase que se aloja no lugar de enunciação para o sujeito. Por isso que separar o sujeito desse dizer, de maneira que faça entrar em jogo o terceiro tempo da pulsão invocante — o “se fazer escutar” —, será uma importante direção para o tratamento do sujeito traumatizado.

Por isso que a escuta do psicanalista visa a separar, nesse sentido, o sujeito e seu saber daquilo que foi o acontecimento. A separação, tal como proposta por Lacan (1964/1985), permite relançar o endereçamento ao Outro. Lembramos aqui o jogo de palavras empreendido por Lacan a partir da palavra *separação*: Lacan faz alusão ao “engendrar-se”, sentido pelo qual a separação promove algum acesso à

liberdade, ainda que limitada. Aqui, separação supõe desaparecimento — partir-se, apagar, esquecer. Evoca também uma vontade de saber o que se é para além daquilo que o Outro possa dizer, para além daquilo que está inscrito no Outro.

A diferença entre essa separação de Lacan e a cisão de Ferenczi é fundamental. Na separação, trata-se de um “parir-se” não como continuidade, mas, sim, como reinvenção. Algo semelhante ao que Lacan pensa acerca do luto: a reinvenção de um lugar para si no Outro. Para recompor um lugar discursivo, a fim de que se refaça o laço social, é preciso reconstruir a história perdida na memória do sujeito. Tal reconstrução, que já implica uma deformação, tanto dá acesso ao luto quanto oferece uma espécie de resposta à ficção, ou ainda, uma reinterpretação do passado.

Isso posto, podemos destacar que a direção das intervenções do analista visa a resgatar o poder da palavra, de presentificar experiências que restaurem o valor daquele sujeito, situando-o em face das condições históricas e sociais que geraram suas situações de sofrimento (nomear de que guerra se trata). Nesse processo, há diferentes tempos para o sujeito separar-se do acontecimento, formular uma narrativa e contar uma saga que o situe em relação tanto à sua história quanto à de sua comunidade. Ressaltamos que essa narrativa tem um tempo diferente da dimensão do acontecimento.

A formulação dessa narrativa permite ao sujeito se localizar e, ao mesmo tempo, dar valor e sentido à sua experiência de dor, articulando uma demanda que o retira do silenciamento. Ou seja, visa-se à transformação do trauma em experiência compartilhada, bem como à construção de uma posição de testemunha nesse sujeito — posição de transmissor da cultura (Rosa, 2012). Trata-se de apostar em um trabalho que permita a cada um — a seu tempo e modo — construir um sentido, considerando a dimensão do equívoco; e sem desconsiderar o real em jogo.

Referências bibliográficas

- Berta, S. L. (2012). *Um estudo psicanalítico sobre o trauma de Freud a Lacan*. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Berta, S. L. (2015). Localização da urgência subjetiva em psicanálise. *A Peste*, São Paulo, 7(1), 95-105.
- Chervet, B. (2009). L'après-coup: la tentative d'inscrire ce qui tend à disparaître. *Revue Française de Psychanalyse*, 73(5): 1361-1441.
- Derrida, J. (2001). *Mal de arquivo: uma impressão freudiana* (C. M. Rego, Trad.). Rio de Janeiro: Relume Dumará. (Conexões; 11).
- Dunker, C. I-L. (2002). *O cálculo neurótico do gozo*. São Paulo: Escuta.
- Endo, P. (2013, junho/julho/agosto). Pensamento como margem, lacuna e falta: memória, trauma, luto e esquecimento. *Dossiê Memória da Revista USP*, São Paulo, 98, 41-50.

- Ferenczi, S. (2011). Confusão de língua entre os adultos e a criança. In *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1932)
- Freud, S. (1974). Carta a Josef Breuer (29 de junho de 1992). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad.) (Vol. I, p. 281-287). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950 [1892-1899])
- Freud, S. (1987). O mal-estar na civilização. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad.) (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (1990). Projeto para uma psicologia científica. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad.) (Vol. 1, pp. 385-529). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950 [1895])
- Freud, S. (1996). Carta a Josef Breuer. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad.) (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1892)
- Freud, S. (1996). Luto e Melancolia. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad.) (Vol. XIV, pp. 243-264). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917 [1915])
- Freud, S. (1996). Além do princípio de prazer. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad.) (Vol. XVIII, pp. 11-75). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (1996). Moisés e o monoteísmo. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad.) (Vol. XXIII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1934-1938)
- Garcia-Roza, L. A. (1995). Pulsões. In L. A. Garcia-Roza. *Introdução à metapsicologia freudiana* (Vol. III, pp. 79-163). Rio de Janeiro: Zahar.
- Gebrim, A. (2012). *L'insistance de l'étranger: la double appartenance des lauréats du Prix de l'intégration en France*. Mestrado em sociologie clinique et psychosociologie, Université Paris Diderot, Paris 7, Paris, França.
- Gebrim, A. C. C. (2018). *Psicanálise no front: a posição do analista e as marcas do trauma na clínica com migrantes*. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia e Institute National de Langues et Civilisations Orientales. São Paulo, Brasil.
- Knobloch, F. (2015, maio-agosto). Impasses no atendimento e assistência do migrante e refugiados na saúde e saúde mental. *Psicologia USP*, 26(2), 169-174.
- Lacan, J. (1979). *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1953-1954)
- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1964)

- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (1987). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Malabou, C. (2007). *Les nouveaux blessés: de Freud à la neurologie, penser les traumatismes contemporains*. Paris: Bayard.
- Martins, A. S. (2014). Por que a guerra? Política e subjetividade de jovens envolvidos na guerra do tráfico de drogas: um ensaio sem resposta. Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Nogueira, T. S., Rosa, M. D. (2017). Intimidade e alteridade: a experiência do refúgio e a clínica psicanalítica. *Calibán: Revista Latino-Americana de Psicanálise*, 15(1), Intimidade.
- Pujó, M. (2000). Trauma e desamparo. *Revista Psicoanálisis y el Hospital: Clínica do Desamparo*, 17(9), 29.
- Rosa, M. D. (2002). Uma escuta psicanalítica das vidas secas. *Revista Textura*, São Paulo, 2(2), 42-47.
- Rosa, M. D. (2012, maio). Migrantes, imigrantes e refugiados: a clínica do traumático. *Revista de Cultura e Extensão USP*, 7, 67-76.
- Rosa, M. D. (2016). A clínica em face da dimensão sócio-política do sofrimento. In *Psicanálise, política e cultura* (1a ed.). São Paulo: Escuta.
- Rosa, M. D., Berta, S. L., Carignato, T. T., alencar, S. (2009, setembro). A condição errante do desejo: os imigrantes, migrantes, refugiados e a prática psicanalítica clínico-política. *Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, 12(3), 497-511.
- Safatle, V. (2006). *A paixão do negativo: Lacan e a dialética*. São Paulo: Unesp.
- Saglio-Yatzimirsky, M.-C. (2018). *La voix de ceux qui crient: rencontre avec des demandeurs d'asile*. Paris: Éditions Albin Michel.
- Vivès, J.-M. (2017). La voix de père en fils: une lecture reikienne des voix du Surmoi. *Topique*, 139, 19-34, Paris : L'Esprit du Temps, Relire Theodor Reik.
- Zizek, S. (2012). *Vivendo no fim dos tempos*. São Paulo: Boitempo.

Recebido: 01/12/2021

Aprovado: 15/12/2021